

## A comunicação e o desenvolvimento da sociedade

Luiz Carlos Santos Lopes\*

A vontade de liberdade que acompanha a velocidade das mudanças econômicas, tecnológicas e culturais do cotidiano é entendida pelo sociólogo Zygmunt Bauman (1999) como a marca da pós-modernidade. Sobre o assunto, Holgónsi Soares Gonçalves Siqueira (1999) deu um exemplo do que entende como uma cidade pós-moderna. Na sua opinião, a cidade pós-moderna é onde habita a imprecisão,

[...] produto do capitalismo em sua fase "flexível". Neste contexto a "economia da permanência" cede lugar à chamada "economia da transitoriedade": tudo passa; a obsolescência é planejada; os pontos de referência desaparecem; os fluxos (de pessoas, imagens, informações, equipamentos...) são intensificados. O declínio das metanarrativas, impede a afirmação de qualquer grande verdade. Isto faz da pós-modernidade o lugar, por excelência, do efêmero, do fugaz, portanto, da incerteza. (SIQUEIRA, 1999).

Dai resulta um mundo vivido como incerto, incontrolável e assustador – bem diverso da segurança projetada em torno de uma vida social estável. Convicção, aliás, que se encontra em grande parte formulada no livro *A sociedade transparente*, de Gianni Vattimo (1992). Nele, o autor questiona se a sociedade pós-moderna é transparente e sugere que, de tanto se falar em pós-modernidade, já se tornou obrigatório manter distância em relação a esse conceito. No seu entender, o termo pós-modernidade é uma moda passageira e está diretamente ligado ao fato de o mundo em que se vive ser uma comunidade de comunicação generalizada, chamada por ele de sociedade dos *mass media*.

Quando se fala em pós-modernidade, pressupõe-se que a modernidade acabou. Mas não é assim que pensa Vattimo. Na sua opinião, dizer que a modernidade acabou está ligado àquilo que ele entende por modernidade:

[...] modernidade é ser moderno. É cultivar o novo, o original, é não estar preso aos valores do passado, a tradições e maneiras de pensar superadas. Em resumo, todas estas considerações elogiosas, caracterizam a cultura moderna. Desde o final do século XV, início da idade moderna, o povo abriu caminho a um culto pelo novo, rompendo com pensamentos antepassados, considerados velhos, e com o que pudesse representar de reacionário (VATTIMO, 1992, p. 14).

---

\* Luiz Carlos Santos Lopes é jornalista. luizcslopes@uol.com.br

Com o tempo, fica mais evidente que o culto ao novo, ao original, se liga a uma perspectiva que considera a história humana como um progressivo processo de emancipação. E, se a história tem este sentido progressivo, fica claro que será mais valorizado aquilo que se considera mais avançado, aquilo que está mais perto do final do processo. Porém, para se conceber a noção de história progressiva da humanidade, é preciso vê-la como um processo unitário. Assim, a modernidade, na hipótese proposta por Vattimo, termina quando já não for possível falar de história como qualquer coisa de unitário. Essa noção da história implica a existência de um centro em torno do qual se recolhem e se ordenam os acontecimentos. A história ocidental é pensada como uma ordenação em torno do ano zero do nascimento de Cristo. Como acontecimentos encadeados dos povos do Ocidente, para lá do qual estão os povos primitivos, em vias de desenvolvimento.

O que é transmitido do passado, senão aquilo que parece relevante? Estudam-se datas de batalhas, tratados de paz, revoluções, nomes de generais, mas nunca as transformações do modo de nutrição, do modo de viver, a sexualidade, e outras facetas dos povos. A história fala apenas da gente que conta: dos nobres, dos soberanos, ou da burguesia quando alçada ao poder. Os pobres, estes não fazem história. Não há uma história única. O que há são imagens do passado, propostas por pontos de vistas diferentes. É suposição imaginar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar e englobar a história da arte, da literatura, das guerras, da comunicação.

Se não há um curso unitário dos acontecimentos humanos, não se pode sustentar que eles avançam para um fim, que realizam um plano racional de melhoramentos, de emancipação. O curso dos acontecimentos que a modernidade acreditava dirigir era também representado do ponto de vista de um certo ideal de homem. E este ideal seria o do homem europeu, pelo menos assim pensavam os iluministas, os positivistas e tantos outros pensadores, que achavam que o sentido da história era a realização da civilização: da forma do homem europeu moderno. Assim, o progresso só é concebido quando se admite como critério o que a modernidade criou como modelo: o ideal de homem europeu.

Se se observar tudo isso, entende-se que a conseqüente crise da idéia de progresso e o fim da modernidade não são apenas acontecimentos determinados por transformações teóricas: sofreram no plano das idéias. Os povos considerados “primitivos” rebelaram-se e tornaram de fato problemática a noção de história unitária. O “ideal de homem europeu” deixou de valer como essência de qualquer homem. O advento da sociedade de comunicação foi um fator determinante para a dissolução da idéia de homem ideal, da história e para o fim da modernidade. Os meios de comunicação, ou os *mass media*, como os denomina Vattimo, desempenharam um papel determinante para o desenvolvimento e o nascimento de uma sociedade pós-moderna. Não mais transparente, mais consciente de si, mais iluminada, mas como uma sociedade complexa, caótica, embora seja nesse relativo caos que residam as esperanças de emancipação do homem moderno. A impossibilidade de pensar a história como um curso unitário dá lugar ao conceito de fim da modernidade. Essa idéia, porém, não é decorrente apenas da crise do colonialismo e do imperialismo europeu. É, acima de tudo, o resultado do nascimento dos meios de comunicação de massa: jornais, rádio, televisão e Internet.

Vattimo mostra também que o efeito dos *mass media* foi contrário à imagem que o filósofo Theodor Adorno tinha deles. Adorno, como diz Vattimo, achava que o rádio (depois apareceu a TV) pudesse produzir um efeito na sociedade, permitindo, e até favorecendo, a formação de governos totalitários e de ditaduras, e exercer um controle minucioso sobre o cidadão – como o *Grande Irmão* de George Orwell. O que aconteceu, porém, é que o rádio, a televisão, os jornais e, agora, a Internet se tornaram elementos de grande explosão e multiplicação de visões do mundo. Nos Estados Unidos, nas últimas décadas, minorias de todos os gêneros, “tomaram a

palavra”. Isso não significou, entretanto, uma emancipação política, até porque o poder econômico ainda está nas mãos do grande capital.

Por falar em “tomar a palavra” por parte de sub-culturas, aí já se pode ver o efeito mais evidente dos meios de comunicação que, teoricamente, tornam possível uma informação em tempo real, sobretudo o que acontece no mundo. Poderia parecer uma espécie de realização, de uma perfeita autoconsciência de toda a humanidade. A consciência entre aquilo que acontece, a história, e a consciência do homem. Adorno, ainda citado por Vattimo, raciocina pensando neste modelo e no fato de se realizar de maneira perversa e caricatural. Entretanto, a libertação de muitas culturas, tornadas possíveis pelos meios de comunicação, desmentiu precisamente o ideal de uma sociedade transparente.

Vattimo observa que, na sociedade dos *mass media*, está aberto um caminho ideal de emancipação que tem antes na sua base a oscilação, a pluralidade e o desgaste do princípio da realidade. O homem, hoje, pode tornar-se consciente de que a liberdade não é conhecer a estrutura do real e adaptar-se a ela, diz ele fundamentando seu argumento em Nietzsche e Heidegger. Os dois filósofos, segundo Vattimo, oferecem os instrumentos para compreender o sentido de emancipação, do fim da modernidade e da sua idéia de história. Nietzsche, por exemplo, mostrou que a imagem que a metafísica sempre teve do mundo é, apenas, um mito tranquilizador, próprio de uma humanidade primitiva e bárbara. Para Nietzsche, a metafísica é uma forma violenta de reagir a uma situação de perigo e violência.

Já Heidegger, como entende Vattimo, mostra que pensar o ser como fundamento, e a realidade como sistema racional de causa e efeitos, é, apenas, uma forma de alcançar o modelo da objetividade científica. Mais ainda: que, para dominar e organizar as coisas, as deve reduzir ao nível de puras presenças mensuráveis, manipuláveis, reduzindo a este nível o próprio homem. Partindo desse princípio, Vattimo afirma que, “se com a multiplicidade das imagens do mundo perdemos o sentido da realidade, talvez até não seja uma grande perda”. Mais adiante, ele diz que “o mundo do real, de acordo com a metafísica, tornou-se o mundo das mercadorias, das imagens, o mundo fantasmagórico dos *mass media*” (VATTIMO, 1992).

Em que consiste a capacidade de emancipação, de libertação, da perda do sentido da realidade, do verdadeiro desgaste do princípio de realidade do mundo dos *mass media*? Na opinião de Vattimo, a emancipação consiste mais no desenraizamento, que é a libertação das diferenças. Este processo de libertação das diferenças não é, necessariamente, o abandono de todas as regras, é um ato com que as liberdades tomam a palavra, se apresentam, se põem em forma de modo a se tornarem reconhecidas. De modo algum uma manifestação bruta de imediato. O efeito emancipador dessa libertação não é somente o de garantir a cada uma delas o mais completo reconhecimento, como se a emancipação consistisse em manifestar aquilo que cada um é verdadeiramente: negro, mulher, homossexual, protestante e outros. O seu sentido consiste mais no efeito global de desenraizamento.

Um exemplo do que significa o efeito emancipador seria, mais ou menos, como se alguém morasse num lugarejo, sossegado, tranqüilo, onde todos se conhecessem, respirando ar puro, ouvindo o canto dos passarinhos. De repente, esse alguém saísse desse hipotético pequeno mundo e fosse para uma megalópole, tipo São Paulo ou Nova York. O choque seria inevitável. Com o tempo, aquela pessoa se acostumaria. Mas, jamais esqueceria aquilo por que passou, e jamais voltaria a ser o que era antes. Na sociedade de comunicação generalizada e de pluralidade de culturas, o encontro com outros mundos e formas de vida significa optar entre o pertencimento e o desenraizamento. Custa conceber tudo isso como liberdade. A saudade da casa dos pais, ameaçadores e tranquilizadores ao mesmo tempo, continua muito viva em todos, como indivíduos e como sociedade.

Chega-se, enfim, a duas conclusões. A primeira, que a sociedade da comunicação generalizada, ou *mass media*, ou pós-moderna, não é uma sociedade transparente. É, sim, uma sociedade mais complexa, porque obrigada a conviver com a explosão das novas tecnologias. O homem pós-moderno tem que se acostumar ao efêmero, ao fugaz, à dúvida que cerca o mundo do trabalho e da produção. Não tem a garantia do trabalho em tempo integral. Fica perdido em meio à infinidade de ofertas apresentadas pela sociedade de consumo. Sua visão da história depende de como cada um a interpreta. Ao mesmo tempo, esta sociedade propõe alternativas, tanto que protagonizou uma verdadeira revolução tecnológica, caracterizando-a, não pela centralidade de conhecimentos e informação, mas pela aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos em um verdadeiro ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso. O homem pós-moderno criou tecnologias que podem ser usadas como instrumentos para consolidação de um poder dominante, como podem estar a serviço de indivíduos que lutam pela democracia, ou podem ainda colaborar na criação de uma sociedade mais ou menos igualitária, segundo Roberto Pompeu de Toledo (2002, p. 134).

A segunda conclusão é que a modernidade nunca deixou de existir. O que houve foi um acréscimo de novos conhecimentos, de desenraizamentos, de muitos valores considerados obsoletos sem, entretanto, significar uma desvinculação total com eles, porque esses conhecimentos servem de exemplo para se olhar a sociedade.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. São Paulo: Vozes, 1999.

SIQUEIRA, Holgonsi S. G. *Pós-modernidade: a questão da incerteza*. *A Razão*, Santa Maria, 18 nov. 1999. Disponível em: <[www.angelfire.com/sk/holgonsi/incerteza.html](http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/incerteza.html)>. Acesso em: 18 mar. 2006.

TOLEDO, Roberto P. Fortuna e azares do coronel eletrônico. *Veja*, São Paulo, n. 1743, p.134, 20 mar. 2002.

VATIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.